Dia 27 — São Máximo, Bispo de Riez, na Provença

Martirológio Romano

Os santos mártires Basileu, bispo, Auxílio e Saturnino, em Antioquia. (São Basileu era bispo de uma diocese da Ásia, cujo nome não se sabe; e, achando-se em Antioquia durante a perseguição de Décio, foi preso juntamente com os santos Auxílio e Saturnino e juntamente alcançaram a palma do martírio.)

Santiago o Intercisso ou o Cortado, ilustre mártir, na Pérsia; o qual, no tempo de Teodósio o Moço, por congraçar-se com o rei Isdegerdes, havia negado a Jesus Cristo, por cuja causa sua mulher e sua mãe se apartaram de seu trato e companhia; mas, voltando a si e arrependido de seu erro, apresentou-se ao Rei, confessando livremente a Jesus Cristo: enfurecido o Rei, mandou despedaçá-lo membro por membro e depois o degolassem. Neste tempo padeceram também ali mesmo inumeráveis Mártires. (Era natural de Bete-Lapeta e privado íntimo do rei da Pérsia, que tanto lhe rogou e lhe disse para que abandonasse a religião do Crucificado que, rendido Santiago, fez o que o Rei desejava. Souberam esta lastimosa queda de Santiago sua mãe e sua mulher, senhoras muito servas de Deus, e lhe escreveram uma carta concebida nestes termos: «Por obedecer ao homem mortal deixaste a Deus imortal e ao que é verdadeira vida; por agradar ao que é um pouco de pó e podridão deixaste o odor sempiterno e suavíssimo. Pois sendo assim, queremos que saibas que de hoje em diante nos podes ter por estranhas e que de nenhuma maneira faremos vida contigo.» Lida esta carta, compungiu-se e angustiou-se Santiago de maneira que determinou voltar à batalha, pelejar e vencer de quem havia sido vencido. Sabendo isto o Rei, ouvido o parecer de seu Conselho, para terror e espanto dos demais cristãos mandou que o matassem cortando-lhe um a um todos os seus membros. Butler.)

Os santos mártires Irenarco, Acácio, presbítero, e sete mulheres, em Sebaste, na Armênia. A heroica constância destas santas mulheres, no tempo de Diocleciano, comoveu de tal maneira Irenarco que se converteu a Jesus Cristo; e por decreto do presidente Máximo foi degolado junto com Acácio.

Os santos mártires Facundo e Primitivo, no reino de Leão, junto ao rio Cea; os quais padeceram por sentença do presidente Ático. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Valeriano, bispo, em Aquileia. (Sucedeu nesta sé a Fortunaciano, bispo ariano, imperando Valente. Purgou sua diocese da heresia e reformou a disciplina, transformando seu rebanho num coro de Santos, em expressão de São Jerônimo, cart. 42 e 43. Presidiu o concílio de Aquileia congregado por Graciano contra os Arianos e morreu pelos anos de 372 a 381.)

São Máximo, bispo e confessor, em Riez, na França; o qual desde sua terna idade foi dotado de todas as graças e virtudes; e primeiro sendo Padre do mosteiro de Lérins e depois bispo da igreja de Riez, célebre em virtudes e milagres, morreu no Senhor. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Virgílio, bispo e apóstolo da Caríntia, em Salzburgo, na Baviera: foi canonizado pelo papa Gregório IX. (Nasceu na Irlanda e se distinguiu por sua virtude e doutrina. Viajando à França no tempo do rei Pepino, permaneceu dois anos na corte deste Príncipe, a qual edificou com seus exemplos, e depois foi consagrado bispo de Juvávia, chamada desde então Salzburgo, em 766. Reedificou a abadia de São Pedro desta cidade e trasladou a ela o corpo de São Ruperto, fundador daquela sé: esta igreja foi com o tempo catedral. Batizou dois duques sucessivos da Caríntia, Cetimaro e Jetuno, cujo país o aclamou seu Apóstolo. Entre os muitos Santos que governaram a sé de Salzburgo, não há outro a quem seja tão devedora de favores aquela Igreja e principado temporal como a São Virgílio. Morreu no ano 784. Butler.) Os santos Barlaão e Josafá, na Índia confinante com a Pérsia, cujos admiráveis feitos escreveu São João Damasceno. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

A ditosa morte de São Severino, monge e solitário, em Paris.

São Máximo, Bispo de Riez, na Provença

Nasceu São Máximo pelo princípio do reinado do grande Teodósio e foi cristãmente educado com tanta felicidade que continuamente ia crescendo em todo gênero de virtudes, dominando suas paixões numa idade em que é bem dificultoso não deixar-se arrastar delas. Conservou inviolavelmente a inocência de costumes, fazendo-se muito reparável em todo o seu porte a afabilidade, a circunspecção e a compostura: de coração tão compassivo que o enterneciam visivelmente as necessidades do próximo, para cujo alívio derramava abundantemente no seio do pobre tudo quanto podia. Tratava com soberano desprezo as honras do mundo, os passatempos da vida e os bens temporais da terra e, se usava destes, era para granjear os eternos e espirituais do céu. Era muito inclinado ao estudo, para o qual havia logrado um engenho pronto e feliz; mas seus talentos e sua aplicação se dirigiam sempre à salvação de sua alma, a qual, por assim dizer, se alimentava e engordava com o suco das verdades eternas que espremia da contínua meditação da sagrada Escritura. Manteve-se no mundo muitos anos sem ser do mundo, vivendo nele como desterrado: tanto era seu recolhimento e seu retiro em meio de seu mesmo país. Mas por fim, impelido do amor de Deus, deixou tudo para ir encerrar-se no mosteiro de Lérins, pequena ilha nas costas da Provença. Não podia fazer eleição mais acertada; pois se encontrou com uma república

de Santos e de pessoas escolhidas que fizeram célebre o novo mosteiro, estendendo a longa distância a fama do evangélico instituto com o resplendor de suas heroicas virtudes. Achou Máximo naquele deserto tudo quanto podia apetecer para saciar sua inclinação às virtudes penitentes, sólidas e de pouco ruído, singularmente ao recolhimento e à oração. Como se entregava ao espírito de Deus e como obedecia com fidelidade aos impulsos da Graça, muito em breve se deixou conhecer e até admirar sua profunda humildade, seu amor à pobreza evangélica, seu desapego de todas as coisas criadas, sua contínua presença de Deus, seu amor à oração e sua mortificação em tudo quanto se oferecia. Formou como uma escada de todas as virtudes para elevar-se a tão eminente santidade e a um grau de perfeição tão sublime que, ainda que ele se considerava o ínfimo e o mais imperfeito de todos os monges, todos o veneravam já como a seu mestre espiritual. Ofereceu-se logo ocasião de que fizessem público este geral conceito, porque, obrigado São Honorato a deixar o deserto de Lérins para ocupar a cadeira episcopal da santa igreja de Arles, todos os votos conspiraram na pessoa de Máximo para que lhe sucedesse na abadia. Constituído já nosso Santo cabeça de sua comunidade, propôs-se por modelo para seu governo a conduta de Deus no governo do mundo, misturando a doçura com a severidade. Com sua prudência e com sua aprazível suavidade temperava o rigor da observância, em que nunca se dispensava; e, não se limitando precisamente suas práticas espirituais à instrução de seus monges, o orvalho de sua doutrina se comunicava também aos de fora, logrando com ela muitas conversões. Resplandecia em sua pessoa o dom dos milagres, e concorriam ao servo de Deus tropas de gente, considerando-o como depositário de seu divino poder. Sufocava-o muito este buliçoso concurso, parecendo-lhe que inquietava demasiado o silêncio e a quietude de seu sagrado retiro. Por isso, e porque já andava buscando arbítrio ou pretexto para descarregar-se do peso do governo que havia posto sobre seus ombros a unanimidade dos votos, de repente desapareceu de entre todos e foi esconder-se no fundo de um espesso bosque que havia na mesma ilha. Passaram-se três dias e três noites sem que se pudesse descobri-lo; mas por fim o encontraram e o voltaram ao mosteiro. Esteve nele pouco tempo, manifestando Deus tê-lo destinado para outro ministério, que logo se havia de esclarecer. Perdeu seu bispo a igreja de Riez, na Provença; e, tendo necessidade de um bom pastor, pôs os olhos no abade de Lérins. Despachou seus comissários, assim ao mosteiro como aos bispos da província, pedindo-o por bispo. Máximo, que olhava com um santo horror aquela dignidade, logo que entendeu o que se tratava, tratou de pôr-se a salvo; e, metendo-se prontamente numa chalupa, desviando-se da costa das Gálias, onde era muito conhecido, virou para as da Itália, onde esperava viver ignorado e oculto. Enganou-o sua esperança; porque, ou já o descobrissem os que sabiam o segredo de sua fuga, ou já a manifestasse sua mesma reputação, seguiram-no, alcançaram-no e, apesar de toda a sua resistência, o conduziram a Riez, onde foi recebido com aplauso universal e foi consagrado pelos bispos da província, depois que com sua autoridade e com suas razões o reduziram a que prestasse seu consentimento. O caráter episcopal só serviu para que brilhassem mais as virtudes de nosso Santo, fazendo-as mais visíveis a elevação da dignidade. As mesmas se observaram no bispo de Riez que se haviam admirado no abade de Lérins; só que no bispo brilhavam desde mais alto e por isso mesmo se deixavam ver mais e eram mais úteis a muitos. Declarou-se pai de seu povo pelo cuidado e pela paternal ternura com que o amava. Já dissemos que Deus o havia favorecido com o dom de milagres, do qual se servia nosso Santo para que a milagrosa sanidade que comunicava aos corpos fosse medicina das almas. Assegura-se também que restituiu a vida a mais de um defunto; mas, como não era possível obrar estes prodígios sem receber os aplausos,

que são inseparáveis das ações extraordinárias, retirou-se por algum tempo para que o povo esquecesse o costume de acudir em todas as ocasiões por milagres a sua poderosa intercessão. Durou pouco a ausência, voltando a chamá-lo a obrigação do ofício e as necessidades do rebanho. Assistiu a vários concílios que se celebraram em sua província ou nas comarcas vizinhas, para conservar ilesa a pureza da fé e promover o arranjo da disciplina. Foi um dos prelados das Gálias que aprovaram e receberam a célebre epístola do papa São Leão a Flaviano de Constantinopla contra as novas heresias, singularmente contra a de Êutiques, que se havia de condenar no concílio de Calcedônia. Também teve parte na epístola sinodal que lhe escreveram congratulando-se com Sua Santidade pela felicidade com que havia compreendido naquela epístola todo o fundo e todo o nervo da doutrina católica que se devia seguir e defender. Morreu Máximo santamente pelo ano de 460, no dia 27 de novembro, e foi sepultado na igreja de São Pedro, que ele mesmo havia edificado. Celebraram-se seus funerais com um prodigioso concurso de pessoas que acudiram de todas as partes a glorificar o Senhor em seu fiel servo e a pedir-lhe mercês por intercessão do bispo taumaturgo, cujo dom de milagres, por assim dizer, ainda depois de sua morte se conservou muito vivo.

Santos Facundo e Primitivo, Mártires

Controverte-se entre os escritores da nação sobre se Facundo e Primitivo foram ou não filhos de São Marcelo, centurião, ilustre mártir de Jesus Cristo; mas, prescindindo por ora da resolução desta questão, pouco importante para elogiar os triunfos que conseguiram dos inimigos da fé, diremos de seu glorioso martírio o que consta pelas atas.[^1]

Os imperadores Diocleciano e Maximiano enviaram à Espanha por governador da província da Galiza um homem cruel chamado Ático, muito a propósito para satisfazer os ímpios desígnios daqueles Príncipes, dirigidos a abolir o nome cristão de seus domínios. Apenas chegou a seu departamento este fero ministro, como era um dos mais cegos apaixonados do culto das quiméricas deidades a quem prestavam adoração os romanos, fez publicar um edito em que mandava a todos os do país que concorressem a oferecer sacrifício a um famoso ídolo que os gentios tinham em grande veneração perto do rio Cea, quer seja este o que corre pela província da Galiza, quer o que passa pelo reino de Leão, no que se diferenciam os escritores. Assistiram todos à solenidade daquele ato no dia assinalado; mas, não tendo concorrido os dois irmãos Facundo e Primitivo, os pagãos os delataram imediatamente ao novo Governador, criminalizando seu procedimento pelo maior desprezo feito a seu Deus.

Ático não ouviu com indiferença a acusação; deu logo ordem para que os trouxessem a sua presença carregados de prisões; e, executado assim, perguntou-lhes por sua pátria e religião. «Nós», responderam sem alguma turbação ambos os irmãos, «somos naturais destas comarcas e professamos a religião de Jesus Cristo.» — «Não ouvistes», seguiu o Governador, «que nossos Imperadores têm mandado que todos sacrifiquem aos deuses romanos, cujos preceitos estais

obrigados a obedecer como vassalos seus?» — «Sabedores somos», contestaram os Santos, «de uma providência tão injusta, a qual não devemos obedecer; pois, ainda que somos súditos seus no material, não o somos no espírito, parte mais nobre de nossa natureza, no qual somos servos de Jesus Cristo, a quem, como a Deus verdadeiro e Redentor nosso, prestamos todos os dias sacrifício em todas as ações e movimentos de nossa vida.» — «Sem dúvida», continuou Ático, «sois leitores de vossa seita, como o demonstra vossa locução.» — «Nós não somos sábios vãos», disseram-lhe os Santos; «pois, se temos alguma inteligência, toda provém de Deus, por cuja iluminação o conhecemos: e, se tu tivesses o mesmo conhecimento, não mandarias sacrificar aos demônios.»

Ofendido Ático destas respostas, vendo inúteis todas as suas tentativas para render os ilustres Confessores de Jesus Cristo a que prestassem adoração aos deuses imperiais, resolveu lançar mão dos tormentos mais esquisitos. Em prosseguimento desta ímpia intenção, mandou primeiramente que lhes quebrantassem os dedos e as pernas com um gênero de cepo em forma de prensa, prevenindo os verdugos que o executassem lentamente para que fosse mais sensível aquele tormento; depois do qual dispôs que os levassem a uma dura prisão, enquanto discorria outros arbítrios capazes de render a fortaleza dos dois valorosos militares de Jesus Cristo.

Persuadido o tirano de que com honras poderia conseguir o que não com castigos de uns homens daquele caráter, enviou-lhes ao cárcere uma porção de sua mesma mesa; mas os Santos recusaram recebê-la por não manchar-se com a comida dos idólatras. Aquele desprezo irritou tanto a cólera do Governador que mandou que fossem arrojados Facundo e Primitivo a um forno de ardente fogo. Fez-se assim imediatamente: mas, repetindo o Senhor o mesmo maravilhoso prodígio que na fornalha da Babilônia, conservaram-se três dias entre as chamas cantando louvores a Deus, sem que lhes causassem o menor dano. Confuso Ático à vista daquele portento, ansioso de vingar-se, dispôs que lhes dessem uma comida envenenada para que rebentassem; e, conhecendo-o os Santos por revelação, disseram aos ministros: «Ainda que nós não deveríamos comer desta peçonha, contudo, para que o Governador se desengane e entenda o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo, a comeremos toda sem que nos cause o mais leve detrimento»: o que se verificou, tendo feito o sinal da cruz sobre a comida; por cujo milagre o compositor do inficionado alimento se converteu à fé.

Parecia regular que tantos e tão assombrosos prodígios contivessem as teimosas porfias do Governador, vendo que não produziam algum efeito; mas não foi assim, porque, atribuindo-os a arte mágica, segundo o costume dos gentios, que lançavam sempre mão deste recurso para deslumbrar o povo idólatra e deslustrar as maravilhas que operava Deus em favor dos Cristãos, dispôs que despedaçassem suas carnes com garfos de ferro. Mas, como os Santos não experimentassem dor alguma naquele fero castigo, fora de si o tirano, vendo-se confundido, ordenou que lhes aplicassem um tropel de tormentos, como foram mandar lançar azeite fervendo sobre suas chagas, pôr archotes acesos nos lados e introduzir cal viva, fel e vinagre em suas bocas para que cessassem de louvar a Jesus Cristo. Mas, como advertisse que os ilustres Confessores se mantinham cheios de alegria em meio destas aflições e até o insultavam a que discorresse maiores tormentos, enfurecido como um bravo leão, prorrompeu: «Arrancai-lhes os olhos, porque sua vista me ofende.» Mas, como os Santos lhe manifestassem, feito o estrago, que com a privação da vista corporal haviam melhorado a da alma, desesperado Ático, deu ordem para que os pendurassem pelos pés em uns paus. Executou-se assim e, vendo os verdugos o copioso sangue que saía pelas

feridas e narizes de ambos, os deixaram por mortos naquele lastimoso espetáculo. Voltaram depois de três dias a tirá-los do suplício; e, tendo-os encontrado tão perfeitamente sãos como se nunca houvessem padecido o mais leve tormento, referindo com admiração ao tirano aquele novo prodígio, temeroso de maiores confusões, mandou que os degolassem ao instante.

Quando os conduziam ao cadafalso, um dos circunstantes clamou a grandes vozes que via descer do céu dois Anjos com duas coroas, pondo-as sobre as cabeças dos Santos; e, dissimulando Ático o temor que lhe causou aquela novidade, disse em tom de burla aos verdugos: «Cortai as cabeças para que vão buscar essas coroas.» Executou-se a injusta providência no dia 27 de novembro do ano 303, segundo uns, ou do 143, segundo outros; e imediatamente saiu pelos pescoços dos insignes Mártires leite em lugar de sangue, por cuja maravilha se converteram à fé muitos gentios, louvando o poder do verdadeiro Deus que adoravam os Cristãos.

Adição dos Editores

Nossas igrejas têm feito sempre grande estimação dos santos mártires Facundo e Primitivo, por haver sido tão ilustre seu martírio, celebrando sua festa no mesmo dia e lendo a história de sua paixão com muita uniformidade no substancial de suas passagens, como se pode ver nos Breviários antigos. Seus sagrados corpos os enterraram ocultamente os fiéis no mesmo lugar do martírio, junto ao caminho que as escrituras chamam *Strata* ou *Calciata*, que ia sobre a ribeira do rio Cea. Ali se mantiveram as santas relíquias desde o império de Marco Antonino até o de Constantino o Grande, em que os Cristãos edificaram ali uma pequena igreja com sua invocação. É muito controvertido se foram ou não trasladadas a outro lugar na irrupção dos árabes, como alguns pretendem e outros negam. O concurso das gentes que acudiam a venerar o sepulcro e capela dos Mártires deu ocasião a que se fundasse ali um povo que primeiro se chamou *Domnos Sanctos*, depois São Facundo e agora Sahagún, cuja paróquia foi a capela dos Mártires até os tempos de D. Afonso o Magno. No reinado deste Príncipe refugiaram-se ao território de Leão muitos monges da Andaluzia que fugiam da tirania de Mahomad, entre os quais chegou também um abade chamado Alonso com outros companheiros seus. O Rei, querendo que estes monges fizessem assento em seu estado, comprou as herdades que pertenciam a esta igreja e com elas lha deu, fundando-lhes um mosteiro com a invocação dos santos Mártires, cujas relíquias se veneravam naquele mesmo sítio. Este é o princípio do insigne mosteiro de Sahagún, invadido muitas vezes pelos árabes, mas guardado até nossos dias pela proteção de nossos santos Mártires. Não obstante, alguns escritores pretendem atribuir-lhe outro mais antigo. Veneram-se hoje as santas relíquias no meio do retábulo-mor numa arca de prata. Em Orense veneram-se também relíquias dos santos Facundo e Primitivo. (Flórez, t. 17, p. 226; Risco, t. 54, p. 590.)

Santos Barlaão e Josafá, Confessores

Depois que o glorioso apóstolo São Tomé ilustrou as partes da Índia oriental com a pregação evangélica e converteu inumeráveis indianos à fé de Cristo nosso Redentor, muitos cristãos começaram a abraçar a vida perfeita e, dando libelo de repúdio a todas as coisas da terra, retirar-se à solidão, fazer mosteiros, viver neles com extremada santidade, de maneira que a religião cristã florescia naquelas partes que antes costumavam ser tão incultas e estéreis. Veio a ter o império da Índia um rei chamado Abenner, varão, na formosura de seu rosto, grandeza e forças do corpo, assinalado e muito excelente pelas guerras que havia feito e pelas vitórias que havia alcançado de seus inimigos; mas juntamente era muito dado ao vão culto de seus deuses e, entre suas grandes felicidades, sentia muito o não ter filhos a quem deixar seus copiosos tesouros. Vendo, pois, a vida que os monges faziam e a fé de Cristo que pregavam e que muita gente nobre e principal abraçava sua doutrina, cego com o zelo de seus falsos deuses, determinou com raiva e furor perseguir a todos os Cristãos e especialmente aos monges e executar neles bravíssimos tormentos até tirar-lhes as vidas. Pôs por obra, e muitos cristãos morreram naquela perseguição e outros fugiram aos desertos mais apartados. Nasceu-lhe neste tempo um filho tão desejado e pôs-lhe por nome Josafá e, juntando muitos caldeus e varões sábios na astrologia, perguntou-lhes acerca do nascimento de seu filho o que entendiam que seria dele. Eles lhe responderam, por lisonjeá-lo, que havia de ser um príncipe felicíssimo e poderosíssimo e vencer em estado e riquezas a todos os reis seus antepassados; mas um deles, que tinha nome de mais sábio, respondeu que era verdade o que os outros diziam, mas não da maneira que eles o entendiam, porque o poder e felicidade de seu filho havia de ser não cá na terra, mas no céu e no reino dos Cristãos, cuja religião havia de abraçar e seguir. Isto disse o caldeu e astrólogo, não porque as estrelas lhe pudessem ensinar esta verdade, mas porque Deus nosso Senhor lha fez dizer para maior glória de sua Religião e prova de sua divina graça, como adiante se verá.

Muito se afligiu o Rei quando ouviu esta nova, e se lhe aguou o gozo do nascimento de seu filho; mas, para atalhar o dano que de ser cristão lhe podia seguir-se, mandou edificar um suntuoso palácio num lugar apartado de sua corte e criar ali seu filho, dando-lhe aio e criados que o servissem e guardassem, mandando expressamente que ninguém lhe nomeasse o nome de Cristo nem de cristão nem lhe dissesse coisa que lhe pudesse dar desgosto nem notícia das misérias desta vida. Cresceu com o tempo Josafá e deram-lhe mestres que lhe ensinassem as artes liberais e ciências que os persas aprendiam; e, como era de tão vivo e agudo engenho, facilmente as aprendeu e em breve tempo aproveitou muito nelas, com grande admiração de seus mesmos mestres. Com os anos ia crescendo o siso e juízo de Josafá: e, vendo que estava tão encerrado e guardado e que não o deixavam sair de seu palácio, quis saber a causa disso e perguntou-a a um de seus mais familiares e fiéis criados. Soube que a causa era o temor que seu pai tinha de que não se fizesse cristão; e com esta ocasião veio a ter notícia de quem eram os Cristãos, que lei tinham, que fé professavam e como viviam; e, tocando-lhe Nosso Senhor o coração, deu-lhe vivos desejos de ser cristão. Foi um dia o Rei seu pai vê-lo: achou-o triste e pensativo: quis saber a causa; e ele lhe respondeu que era por ver-se tão encerrado e como preso, sem ter liberdade de sair de seu palácio como seus criados saíam. O Rei, que ternamente o amava, deu-lhe licença para que saísse quando quisesse; mas deu-lhe pessoas de quem se fiava para que sempre o acompanhassem e não o deixassem falar com cristão algum, especialmente com monge solitário, e juntamente ordenou que afastassem da vista de seu filho todos os pobres, enfermos, contrafeitos e pessoas miseráveis para que não topasse com eles nem visse coisa que o pudesse angustiar, mas que o entretivessem em festas e regozijos e em tudo o que lhe pudesse dar contentamento e

alegria. Saiu, pois, o príncipe Josafá de seu encerramento; e, como são tantas e tão comuns as misérias humanas, por muito que lhas quiseram desviar, logo que andou pelo mundo encontrou com elas. Viu alguns homens cegos, mancos, coxos e outros velhos encurvados e próximos à morte; e, como tudo isto lhe era novo e ele era de lindo e curioso engenho, logo perguntava o que era aquilo: e, entendendo que são mazelas e misérias da natureza humana e que não há homem nenhum, ainda que seja rei, que por sua condição e estado seja isento delas e que a morte é fim e remate de todos os prazeres e grandezas desta vida, por uma parte se enternecia considerando a fraqueza do homem e por outra dava graças a Deus (a quem por boa filosofia conhecia que era um e criador de todo o universo) por haver-lhe dado a ele os membros de seu corpo cumpridos, olhos, mãos e pés e inteira saúde. E, ouvindo dizer que esta vida se acabava e que o que mais podia durar era comumente até os oitenta ou cem anos, começou a julgar que se devia ter em pouco e amar e buscar outra que fosse eterna. Andava ruminando e revolvendo estas coisas em seu coração e desejoso de achar quem lhas desenvolvesse e ensinasse; e muitas vezes se angustiava e afligia e o mostrava em seu rosto e semblante. Verdade é que, quando o Rei seu pai o vinha ver e lhe falava, o encobria para não dar-lhe pena; mas Deus nosso Senhor, que vê os corações e por este caminho queria alumiar Josafá, enviou-lhe um grande servo seu que lhe desatasse suas dúvidas e lhe declarasse o que lhe convinha para a salvação eterna. Havia no deserto de Senaar um homem ancião e de muita santidade, adornado de sabedoria do céu, chamado Barlaão: a este santo solitário descobriu Deus o desejo de Josafá e lhe mandou que se fosse ver com ele; e ele, obedecendo ao mandato divino, embarcou-se numa nau em hábito de secular e navegou à Índia e foi à cidade onde o Príncipe vivia. Depois de ter estado ali alguns dias, teve forma para falar a Josafá como mercador que lhe trazia muito ricas e preciosas joias e pedras de inestimável valor. Teve práticas com ele, não um, mas muitos dias; porque as guardas não se recatavam dele, por vê-lo naquele traje e porque o Príncipe mostrava gostar de sua comunicação. Descobriu-lhe quem era, quem o enviava, a que vinha e as pedras preciosas que lhe trazia, que era o declarar-lhe quem era o verdadeiro Deus, como por amor do homem se havia feito homem, a necessidade que para salvar-se havia de crer nele e receber o Batismo, as leis do Evangelho e os Sacramentos que nos deixou, o prêmio que se dará aos bons e o castigo e penas sem fim aos maus. Foram tão eficazes as palavras de Barlaão, e ditas com tanto espírito e luz do céu, que Josafá as abraçou e se converteu à fé de Cristo e se batizou, não temendo perder o reino de seu pai nem a vida se fosse mister. Deu-lhe assim mesmo notícia o santo velho dos monges que moravam nos desertos de Senaar, de seus exercícios e penitências e quão doces e saborosas lhes eram, por ter por aquele caminho mais certa sua salvação: pelo que o Príncipe se moveu e acendeu tanto no amor de Deus e desejo da perfeição que propôs e prometeu imitá-los e seguir sempre que pudesse aquela aspereza de vida. O ver as longas práticas que Josafá e Barlaão tantas vezes tinham entre si deu suspeita a um dos aios de Josafá do que podia ser; e, temendo que aquele velho devia de ser cristão e porventura monge e que, sabendo o Rei que o era e que o haviam deixado falar com seu filho, seria gravemente castigado, quis inteirar-se da verdade do mesmo Josafá, e ele lha descobriu, tendo-o uma vez escondido em seu aposento para que ouvisse os santíssimos documentos de Barlaão. Quando os ouviu, ficou assombrado; e, para prevenir seu dano, antes que outro lhe ganhasse a mão, contou ao Rei lisamente o que se passava e como o velho Barlaão, monge, fingindo-se mercador, os havia enganado e pervertido ao Príncipe e feito-o de seu bando.

Não se pode facilmente crer o sentimento que teve o Rei vendo que com toda a sua diligência e indústria não havia podido evitar os danos que ele temia, se seu filho tivesse notícia de Cristo e

comunicação com os Cristãos. Mandou chamar um privado seu, chamado Araques, varão prudente, e deu-lhe conta do que havia sabido e pediu-lhe conselho do que havia de fazer. O parecer de Araques foi que antes de todas as coisas se procurasse haver às mãos Barlaão; e assim o Rei deu ordem que o buscassem e (porque, vendo descoberta a cilada e que já havia cumprido o que Deus lhe havia mandado, ele se havia ausentado e voltado a sua solidão) que o seguissem; e o mesmo Rei (tanta era sua sanha) o seguiu seis dias e, não o achando, mandou a Araques que com soldados fosse atrás dele e, ainda que estivesse debaixo da terra, o tirasse e lho trouxesse para fazê-lo morrer com atrozes tormentos. Fez suas diligências Araques e andou pelo deserto sem poder descobrir o que buscava; mas achou dezessete monges e santos solitários, aos quais, porque não lhe quiseram mostrar onde estava Barlaão nem fazer caso de suas ameaças, mandou atormentar cruelmente e depois os trouxe diante do Rei, e ele os mandou matar, e com grande paz e alegria de suas almas receberam a coroa do martírio.

Visto que não se havia podido descobrir Barlaão e que o príncipe Josafá estava forte e constante em sua opinião, Araques aconselhou ao Rei que se fizesse uma disputa entre os Cristãos e os sábios gentios, para convencer a seu filho e mostrar-lhe quão enganado estava em querer deixar a adoração de seus verdadeiros e antigos deuses por adorar por Deus a um homem facínora e crucificado; porque esperava que, sendo o Príncipe de tão bom entendimento e tão obediente e desejoso de dar contentamento a seu pai, facilmente se reduziria a sua vontade: e mais lhe disse que ele conhecia Barlaão por havê-lo visto tantas vezes entrar a falar com o Príncipe e que lhe fazia saber que havia tido um mestre que se chamava Nacor, que se parecia a Barlaão como um ovo a outro, e era grande mago e adivinho e estava muito bem instruído nas coisas dos Cristãos, ainda que por tê-las por falsas seguia a seita e crença do Rei e do reino: que ele faria que Nacor viesse à disputa e fingisse que era Barlaão (pois tanto se lhe parecia), que na disputa se deixasse vencer e confessasse que ficava convencido; e que por este caminho o Príncipe, vendo que seu mestre Barlaão se rendia e não sabia responder aos argumentos dos contrários, entenderia que havia sido enganado e deixaria a religião dos Cristãos que havia abraçado.

Como o disse Araques, assim se traçou; e Josafá, por dar gosto a seu pai, veio bem nisso. Publicou-se que o Rei dava liberdade a todos os Cristãos que quisessem vir disputar da verdade de sua Religião com os sábios e caldeus que ele assinalaria. Vieram muitos de sua parte e os mais doutos e insignes varões de todo o seu reino; e da parte dos Cristãos veio o verdadeiro Nacor e fingido Barlaão, que para maior dissimulação falsamente havia divulgado que havia sido achado e preso; e, estando disto aflito o príncipe Josafá e temendo o grave dano que poderia vir a seu mestre, Deus nosso Senhor lhe revelou o embuste e maranha do falso Barlaão e lhe assegurou que daquela disputa resultaria maior glória sua. Também veio da parte dos Cristãos um homem muito principal, sábio e virtuoso chamado Baraquias, para juntar-se com o fingido Barlaão e defender o partido dos Cristãos.

Chegado, pois, o dia assinalado, o Rei, numa sala grande, sentou-se em seu trono e cadeira real e a seus pés o príncipe Josafá seu filho; e de uma parte se puseram os sábios caldeus e indianos e gentios e da outra só Baraquias e o verdadeiro Nacor com máscara de Barlaão: ao qual se voltou Josafá (conhecendo-o bem quem era e seu intento, pela revelação que havia tido de Deus) e lhe disse: «Agora, Barlaão, é tempo de que a doutrina que em meu palácio me ensinaste e me persuadiste que recebesse a defendas em público; porque, se assim não o fazes, levarás o pago e

castigo que mereces como pessoa embusteira e que enganou o Príncipe e filho de seu rei e senhor; e eu te mandarei tirar a língua e lançá-la com teu corpo às bestas feras, para que outros com teu exemplo escarmentem e não pretendam enganar os filhos dos reis.»

Ficou Nacor atônito com as palavras que lhe disse o Príncipe e viu seu perigo de qualquer maneira que aquele negócio lhe sucedesse; porque, se fazia o que o Príncipe lhe dizia, temia a ira do Rei e, se fazia o que o Rei queria, não sabia como escapar-se das mãos do Príncipe que assim o ameaçava. Vacilando, pois, e sendo seu coração combatido de várias ondas, inspirando-lhe Deus, determinou-se (como coisa mais segura ou menos perigosa) a defender a verdade que Josafá pretendia. Vieram, pois, a sua disputa os caldeus e sábios gentios com Nacor e, favorecido do Senhor, os convenceu de maneira que não souberam que responder-lhe; porque lhes provou por razões naturais e fundadas em boa filosofia que não pode haver mais que um só Deus, que é artífice e senhor soberano do céu e da terra: que toda a outra chusma de deuses que adoram os gentios são vãos e falsos e obras de nossas mãos e que muitos deles foram homens viciosos, torpes, cruéis e indignos do nome de homens: que o que os homens cegos e desatinados opõem à religião cristã vai fora de caminho e que tudo o que ela professa e ensina é muito conforme a toda boa razão e à majestade soberana e infinita de Deus e à virtude e dignidade dos que a professam. Desfazia-se o Rei ouvindo as razões de Nacor; mas, por não descobrir o artifício e maranha com que Nacor por sua ordem se havia vendido por Barlaão, calava e dissimulava. Finalmente, acabada a conferência e disputa, Nacor aquela noite (temendo a ira do Rei) foi-se com o Príncipe (que o suplicou a seu pai); e, estando os dois sós, entendeu dele que sabia quem era e a que havia vindo e que a Deus ninguém pode resistir e ouviu tais coisas da excelência, pureza e majestade da religião cristã que Nacor se compungiu e determinou a fazer-se cristão e a retirar-se a algum deserto a fazer penitência de seus grandes pecados. Em cumprimento disto entrou numa cova apartada em companhia de um santo monge, de quem foi instruído, ensinado e batizado, começando a fazer vida não de encantador e mago (como antes o havia sido), mas de pessoa alumiada da luz do céu e que aspirava à bem-aventurança: de sorte que, assim como lemos que, havendo o rei Balac chamado o profeta Balaão para que maldissesse o povo de Deus, quando ele veio o bendisse e pela maldição lhe deu a bênção; assim Nacor, tendo vindo para opugnar a fé de Cristo, a defendeu e converteu a peçonha em medicina.

Quando o Rei soube o que Nacor havia feito, cresceu mais a sanha e furor contra ele; e, não podendo havê-lo às mãos, voltou-se contra seus mesmos astrólogos e caldeus, tendo-os por homens ignorantes e que, sendo muitos e os mais sábios de seu reino, não haviam sabido responder a Nacor; e, por vingar-se deles, mandou açoitar uns, desterrar outros e maltratar a todos: e, não contente com isso, também começou a ter em pouco seus deuses e tirar-lhes a reverência e os sacrifícios que antes lhes fazia; pois não sabiam defender seu partido e dar mostras de seu grande poder.

Esta mudança e demonstração do Rei turbou em grande maneira os sacerdotes e ministros dos ídolos; e, temendo que, se o Rei passava adiante no que havia começado, todo o povo seguiria seu exemplo e o culto e veneração de seus deuses cairia e juntamente eles perderiam suas honras, autoridade e aproveitamento, procuraram que um grande feiticeiro e nigromante chamado Teudas (a quem o Rei tinha muito respeito) viesse da solidão em que estava à cidade para consolar o Rei e animá-lo e reduzi-lo à devoção e culto de seus deuses. Veio o mago e, depois de outras razões que

disse ao Rei para consolá-lo, aconselhou-lhe que, se queria que o Príncipe seu filho negasse a fé de Cristo, procurasse que se afeiçoasse a mulheres e perdesse a castidade e que para isto lhe tirasse todos os criados que tinha em seu serviço e somente lhe desse donzelas formosas, galantes e desenvoltas, que estivessem sempre com ele e com carícias e regalos o abrandassem; porque este era o único remédio que em caso tão dificultoso e importante podia achar. Acrescentou que ele tinha um demônio entre outros, muito poderoso, por meio do qual procuraria acender o ânimo do Príncipe e lançar azeite no fogo que as donzelas houvessem empreendido e dar-lhe tanta bateria e tão fortes assaltos que o moço não pudesse resistir; e, para persuadir isto mais facilmente ao Rei, contou-lhe uma história ou fábula desta maneira: «Um rei (disse) poderoso estava muito triste por não ter filhos: nasceu-lhe um e recebeu extremada alegria; mas os médicos lhe disseram que, a quanto entendiam da compleição e compostura dos olhos de seu filho, se até os doze anos de sua idade via sol ou fogo, sem dúvida pela fraqueza e ternura deles perderia a vista e totalmente ficaria cego. Temendo isto o rei seu pai, mandou criá-lo num aposento escuro, onde esteve até que teve doze anos, e depois mandou tirá-lo dele e ver mundo. Como o moço até então não havia visto coisa e se achava tão novo em todas, iam-lhe mostrando muitas das coisas que Deus tem criado e declarando-lhe o que era cada uma e seus nomes, como são ouro, prata, joias, pedras preciosas, aves, peixes, flores, frutas, homens e animais: entre as outras coisas também lhe mostraram algumas mulheres; e, perguntando ele como se chamavam, um soldado da guarda do rei seu pai, burlando-se, lhe disse que se chamavam demônios e que eram os que enredavam os homens: e que depois que houve visto tanta multidão de coisas e folgado e aprendido os nomes delas, lhe havia perguntado seu pai qual de todas as coisas que havia visto lhe havia dado maior gosto e deleite e que o moço havia respondido que a que mais lhe havia agradado eram aqueles demônios que enganam os homens e os enredam, porque só sua vista o havia acendido em seu amor. Por onde se vê (disse o mago) quão natural é ao homem o amor às mulheres e que não há outra arma mais forte para abrandá-los e rendê-los que suas doçuras e deleites.» Este foi o conselho de Teudas, inspirado dos demônios, a quem o mago servia, e semelhante ao que Balaão, também feiticeiro, deu ao rei Balac para arruinar o povo de Israel. Mandou, pois, o Rei tirar todos os criados a seu filho e dar-lhe donzelas muito formosas, agraciadas e compostas, dando-lhes a ordem do que com ele deviam fazer.

Que terrível e que espantosa é a astúcia de nosso comum inimigo e quão estranhas são as artes que toma para perder-nos; e quanta é a bondade do Senhor e a força de sua graça para amparar-nos e defender-nos e dar-nos, depois das duras batalhas, vitórias, coroas e triunfos! Maravilhoso se havia mostrado o Senhor com Josafá nas coisas que até aqui temos referido: em haver-lhe enviado Barlaão para que o ensinasse e o fizesse participante de sua luz e muito mais em haver saído tão bem da disputa com os filósofos e caldeus gentios e ganhado para Deus o mesmo Nacor, que em nome de Barlaão o havia querido enganar; mas mais admirável foi a providência com que neste conflito tão perigoso Deus o livrou. Viu-se o santo moço cercado por todas as partes de serpentes infernais e de cruéis, ainda que brandos e suaves, inimigos que com seus gestos, meneios, palavras e obras, de noite e de dia, em todo lugar e tempo, não pretendiam senão roubar-lhe a preciosa joia da castidade. Achou-se muito angustiado e aflito e como submerso num abismo de perigos e dificuldades; porque quem trará fogo no seio e não se queimará? Quem andará entre víboras e basiliscos sem lesão? Quem num barco tão frágil e quebradiço como nossa corrupta natureza poderá passar sem afundar-se por um mar tão tempestuoso e tão cheio de rochas, baixios e corsários? Voltou-se a Deus Josafá, entendendo que sem sua graça não podia resistir:

jejuou, velou, orou, derramou muitas lágrimas, pediu favor ao que o havia escolhido para tanta glória sua; e, alentado com o vento favorável de sua graça, saiu bem de todas aquelas batalhas e pelejas e guardou sua castidade.

Mas nem por isso desmaiou o demônio nem por ser vencido de Josafá nesta luta desconfiou de poder derrubá-lo e vencê-lo; antes com maior ímpeto e braveza o acometeu de novo e levantou outra tormenta mais brava que as passadas e tão horrível e espantosa que dela nenhuma pessoa, sem especial e singular graça de Deus, poderia escapar. Entre as outras donzelas que o Rei deu a seu filho para que o regalassem e entretivessem havia uma de extremada beleza, muito discreta e graciosa, filha de um rei, a qual, tendo sido cativada em certa guerra, havia sido apresentada ao rei Abenner. Foi-lhe dito de sua parte que, se abrandava o peito duro de seu filho, lhe daria liberdade e até a casaria com ele; e ela, assim para alcançar liberdade como por ser mulher do filho do Rei e herdeira do reino, desejava em grande maneira tentar o moço e enredá-lo e atraí-lo a sua vontade; e o demônio, que também a atiçava e com novas chamas a acendia, pretendeu enganar a Josafá com nome e capa de piedade, para que o que não havia podido alcançar da desonestidade descoberta o alcançasse a coberta e fingida com zelo de caridade. Começou a compadecer-se Josafá daquela donzela tão formosa, tão prudente, dotada de tantas graças naturais, considerando que era filha de rei e cativa de seu pai e que como cativa lhe servia. Passou mais adiante e teve maior lástima da alma dela, por ver que era idólatra e cativa de Satanás. Desta dor e sentimento nasceu em seu peito uma ternura e amor e desejo de falar-lhe para tirá-la das trevas em que estava e convertê-la à fé e amor de Jesus Cristo. Todos estes afetos eram laços escondidos de Satanás. Falou-lhe, pois, Josafá com doces e cordatas palavras, declarando-lhe a lástima que tinha pela cegueira em que estava, exortando-a a deixá-la e voltar-se a Deus vivo e verdadeiro e a seu benditíssimo Filho Jesus Cristo, que por nossa salvação se havia feito homem e morrido por nossos pecados na cruz. Não perdeu tão boa ocasião a serpente infernal; antes falou a Josafá por boca daquela donzela (como havia falado a Adão no paraíso por boca de outra mulher), a qual lhe propôs que ela faria quanto ele lhe mandava, se ele queria fazer uma coisa, e era que a tomasse por mulher e se casasse com ela; pois, ainda que era cativa, era filha de rei e em sangue não lhe devia nada e que em amá-lo nenhuma outra mulher lhe faria vantagem e que de sua formosura e outros dons naturais não queria falar por ser tão manifesto. Turbou-se o Príncipe com esta demanda e manifestou-lhe que ele não pensava casar-se; e ela, incitada do que falava por ela, com meneios e gestos lascivos quis persuadi-lo de que ao menos gozassem aquela noite e que ela lhe prometia logo pela manhã fazer-se cristã e batizar-se e que ele seria causa de sua salvação, e outras coisas lhe disse a este tom que poderiam abrandar qualquer peito de ferro, aço e diamante; e aquele espírito grande de fornicação, a quem o mago Teudas havia encarregado mais este negócio, acudiu nesta conjuntura e começou a abrasar o coração de Josafá com umas chamas de amor torpe tão acesas que foi milagre do Senhor não ficar consumido com elas; e, para derrubá-lo mais facilmente e enredá-lo com máscara de piedade, propunha-lhe que não seria pecado nem ofensa de Deus consentir no que pedia aquela donzela, pois não o fazia por deleite sensual nem apetite libidinoso, mas para tirá-la a ela da cegueira em que estava e do culto dos deuses vãos e fazê-la participante do sangue de Jesus Cristo e herdeira do céu. Quem não cairia a tão duros golpes, se Deus não o tivesse, especialmente sendo moço e não tão instruído em nossa santa Lei? Já Josafá vacilava e começava com o pensamento a abalar-se; mas, voltando a si, cerrou os ouvidos aos silvos da serpente infernal, que falava por aquela donzela, e com entranhável afeto e copiosas lágrimas pediu socorro ao Senhor, dando muitos suspiros e gemidos, suplicando-lhe que o

livrasse de tão manifesto perigo: e, tendo gasto algumas horas orando e chorando prostrado no solo, adormeceu e lhe pareceu que o levavam em espírito por gente que não conhecia a um lugar amenísimo e excelentíssimo, de singular recreação e deporte, e tal que mais parecia um traslado e representação do céu que não coisa da terra: daquele lugar foi levado a outro, que era figura e retrato do inferno e cárcere dos condenados. Tornou logo a si e, lembrando-se do que naquele arrebatamento havia visto e dos grandes bens de um lugar e dos males do outro, cobrou tão estranho horror e aborrecimento àquela donzela e às demais que o serviam que, por mais ataviadas e compostas que estivessem, lhe pareciam feias e abomináveis e mais monstros infernais que mulheres; e com esta pena que lhe causava sua vista deitou-se na cama enfermo.

Muito confusos ficaram os demônios por haverem sido vencidos de um moço a quem eles tão terrivelmente com todas as suas máquinas e poder haviam combatido e vieram ao nigromante Teudas, como envergonhados e corridos, a dizer-lhe o sucesso daquela luta e peleja e que eles não tinham poder contra os que se armavam com a paixão e cruz de Cristo, como o havia feito Josafá; e que assim não poderiam voltar a ele nem tentá-lo de novo, porque sabiam que perderiam tempo, por estar o moço muito fundado em Cristo. Mas o Rei, quando soube a enfermidade de seu filho, logo o veio ver para saber dele a causa de sua doença. O Príncipe lha declarou e lhe referiu os assaltos que os demônios lhe haviam dado por meio daquelas donzelas que ele havia armado como laços a seus pés e como Deus o havia livrado deles com a visão do paraíso e do inferno: que ele estava determinado a deixar tudo e ir-se ao deserto a viver e morrer em companhia de seu santo mestre Barlaão; porque, se o Rei queria perseverar em sua cegueira e ir-se ao inferno, ele queria olhar por sua alma e agradar a Deus e que, se não o deixavam fazer, ele de pesar se morreria e o Rei perderia seu filho e deixaria de ser seu pai.

Não se pode facilmente dizer o sentimento que causaram as palavras do Príncipe no peito do Rei e os vários e contrários pensamentos que como ondas investiram e atormentaram seu coração, não sabendo que meio tomar com seu filho para que lhe fosse obediente: se usaria com ele de rigor ou de brandura; se o castigaria como a desobediente e pertinaz ou o regalaria como a filho tão querido e o deixaria fazer sua vontade. Mandou chamar Teudas, de quem muito se fiava: descobriu-lhe a angústia e quebranto de seu coração e pediu-lhe conselho do que havia de fazer. O mago, confiado em suas más artes, sagacidade e experiência, disse ao Rei que o deixasse falar com Josafá, que ele o abrandaria. Gostou disto o Rei, e os dois vieram a ver-se com o Príncipe, com o qual Teudas teve uma longa prática para persuadi-lo de que era louco em não obedecer ao Rei seu pai numa coisa tão justa e tão posta em razão como era conservar a religião e culto dos deuses imortais que tantos varões sábios lhes haviam ensinado e os príncipes seus antepassados abraçado e o Rei seu pai e todo o seu reino com as armas defendido; e isto por crer que era Deus verdadeiro um homem que por seus delitos havia sido crucificado e havia tido por pregadores de sua lei e doutrina doze pescadores pobres e desventurados que não se podiam em nenhuma coisa comparar com tantos e tão esclarecidos varões que haviam seguido a religião de seus pais. O fim da prática foi que Josafá, com o espírito e favor do céu, convenceu Teudas, provando-lhe a vaidade e monstruosidade de seus deuses e a excelência e harmonia de nossa sagrada Religião; e que uma das coisas em que mais resplandecia sua grandeza e virtude era em haver aqueles doze vis e desprezados pescadores rendido e sujeitado tantos e tão sábios filósofos, como ele dizia, e os reis poderosos que lhes faziam resistência, sojugando-os e pondo-os debaixo do jugo de Jesus Cristo. Ficou o mago tão trocado e tão convencido que se resolveu a fazer-se cristão e só temeu que, por

serem seus pecados tantos e tão graves, Deus não os perdoaria nem o admitiria a penitência. Mas, entendendo de Josafá as amorosas entranhas que o Senhor tem para com os que, conhecendo suas culpas, as choram e se emendam delas e que todos os pecados do mundo são como uma palha comparados com o incêndio da infinita caridade de Deus nosso Senhor, animou-se e, despedindo-se do Rei e do Príncipe, foi-se a sua cova, na qual costumava convocar os demônios e, tomando os livros de suas más artes, os queimou e dali se foi à outra cova onde estava Nacor em companhia de outro santo monge, do qual foi muito bem recebido: depois de haver muitos dias jejuado e feito penitência das culpas da vida passada e sido ensinado nos mistérios da religião cristã, foi batizado e incorporado no grêmio da santa Igreja católica romana o que antes tanto com suas diabólicas artes a perseguia. Quem poderá contrastar com Deus? Quem pensa poder resistir a sua vontade; pois só o sinal de sua cruz confunde e desbarata os exércitos infernais e um raio de sua divina luz basta para tirar e trasladar à verdadeira vida os que habitam na sombra da morte? Já que Nacor e Teudas, tão insignes magos e instrumentos de Satanás, ficam rendidos e prostrados aos pés de Cristo, resta que se renda o rei Abenner, como principal capitão desta guerra e mais obstinado em sua perfídia; o qual, tendo visto que nenhum dos meios que havia tomado com seu filho havia aproveitado, ansioso, suspenso, congojado e sobremaneira aflito, mandou juntar seu Conselho de Estado para determinar o que havia de fazer. Várias foram ao princípio as sentenças dos do Conselho do Rei; mas Araques (que era tido por mais sábio e como cabeça dos demais e muito privado do Rei) foi de parecer que se procedesse com o Príncipe com brandura e que o pai partisse com seu filho o reino e o deixasse governar sua parte, porque desta maneira conservaria o filho e o reino com toda paz e quietude. Este parecer seguiram os demais, e o Rei veio nisso e falou com o Príncipe e declarou o acordo que havia tomado; e o Príncipe lhe respondeu que, ainda que era seu desejo deixar tudo e retirar-se para servir mais perfeitamente a Deus, contudo lhe obedeceria e faria tudo o que lhe mandasse, contanto que não fosse contra Deus. O Rei nomeou a seu filho por rei e, como tal, mandou coroá-lo; e, tendo dividido seu reino em duas partes, entregou-lhe a uma e o enviou a ela, acompanhado de guardas e soldados, e deu licença a todos os senhores, cavaleiros e capitães de seu reino que o fossem acompanhar. Entrou Josafá numa cidade nobilíssima e populosa para fazer sua residência e a primeira coisa que fez foi mandar pôr cruzes em todas as torres dela e arrasar todos os templos dos ídolos e fabricar um solene e magnífico a Deus verdadeiro, exortando todo o povo com palavras cordatas, graves e amorosas que fizesse reverência à cruz e reconhecesse e adorasse o verdadeiro Deus; e, para movê-los mais, ele era o que ia adiante com seu exemplo e todo o povo o seguia, admirado da virtude e modéstia de seu Príncipe e desejoso (como costuma) de imitá-lo e dar-lhe em tudo gosto e contentamento. Com isto começou a respirar e alçar a cabeça nossa santa Religião e todos os Cristãos e monges que por temor da perseguição passada se haviam desterrado de sua pátria e fugido aos desertos e escondido-se nas covas e entranhas mais secretas da terra, ouvindo estas novas, voltaram à cidade e viviam em paz e tranquilidade: convertiam-se muitos e dos mais principais senhores a nossa santa fé e outra gente inumerável; e o Senhor, que é copioso em sua misericórdia, não somente sarava as almas dos que se batizavam e as limpava das imundícias de suas culpas, mas também os que estavam agravados de enfermidades corporais lhes dava inteira saúde.

Fez Josafá consagrar a igreja que havia edificado e nomeou por bispo um santo varão que havia padecido grandes trabalhos por Cristo; e de nenhuma coisa tinha mais cuidado que de ampliar a glória do Rei dos reis e trazer todos os seus súditos a seu conhecimento e serviço. Era muito justo, muito temperado, muito modesto, prudente e benigno e mais pai de todos os seus vassalos que

rei; socorria-os em suas necessidades com tanta liberalidade que pensava receber benefício quando o fazia. Com esta vida e exemplo começou toda aquela terra a resplandecer com uma nova luz, como quando depois de uma escura e tenebrosa noite amanhece o dia muito claro e sereno; e a gente de todas as partes vinha para ver o rei Josafá e tomar sua religião e gozar de suas virtudes e grandezas; e até os criados do rei Abenner seu pai deixavam seu serviço e vinham ao de seu filho, admirados da excelência de sua pessoa e governo. Este bom governo tomou Deus nosso Senhor por meio para reduzir ao caminho da verdade o descaminhado pai; porque, vendo que cada dia florescia mais a religião cristã que ele havia pretendido extinguir com todas as suas forças e que a de seus deuses se ia menoscabando, alumiado de um raio divino, conheceu que o filho andava pelo caminho direito e plano e ele cego e fora de caminho. Escreveu-lhe uma carta, declarando-lhe quão arrependido estava de haver perseguido os Cristãos e de não lhe haver antes crido e o que desejava voltar a folha e batizar-se e ser cristão, se Deus o quisesse receber em sua graça e perdoar-lhe tantos e tão atrozes pecados que contra ele e contra seus servos com tanta impiedade e crueldade havia cometido; e juntamente lhe encarregava que lhe escrevesse tudo o que lhe parecia que devia fazer para sua salvação e bem de seu reino. Não se pode crer nem explicar com palavras o júbilo e regozijo que a alma de Josafá recebeu com esta carta de seu pai: entrou logo em seu aposento e, prostrado no solo diante de uma imagem de Cristo, feitos seus olhos duas fontes de lágrimas de consolo, começou a dar graças a Nosso Senhor porque o havia ouvido e lhe havia concedido a salvação de seu pai, que com tantos e tão longos gemidos e ânsias lhe havia suplicado, e, pedindo-lhe novo favor e graça, partiu logo acompanhado de suas gentes e soldados para seu pai, que, quando o soube, lhe saiu a receber e o abraçou e beijou e mandou que se fizesse festa pública e solene por sua vinda. Depois que Josafá repousou, estando a sós com seu pai, deu-lhe notícia de tudo o que desejava saber e lhe declarou os mistérios de nossa sagrada Religião de tal sorte que o rei Abenner ficou admirado da sabedoria de seu filho e compungido de seus pecados e trocado em outro varão; e diante de todos os que ali se achavam adorou a cruz e confessou a Jesus Cristo por verdadeiro Deus e Senhor de tudo o criado. Com esta ocasião Josafá falou aos senhores, cavaleiros e capitães de seu pai da fé cristã tão altamente que todos a uma voz clamaram: «Grande é o Deus dos Cristãos, e não há outro Deus senão Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual com o Pai e com o Espírito Santo para sempre deve ser glorificado.» E o rei Abenner, aceso de zelo e desejoso de satisfazer em algo a impiedade passada, desfez com grande fervor todos os ídolos de ouro e prata que havia em seu palácio e os repartiu aos pobres; e, acompanhado de seu filho, derrubou os altares e os templos de seus falsos deuses sem deixar pedra sobre pedra e em seu lugar mandou edificar outros templos ao verdadeiro Deus; e o mesmo mandou fazer nas outras partes de seu reino. Era coisa muito para louvar ao Senhor o ver que os demônios, que antes habitavam em seus antigos templos, saíam deles gemendo e dando lastimosas vozes e alaridos, confessando a onipotência do Crucificado. Depois, sendo o rei Abenner bem instruído nas coisas de nossa santa Religião, foi batizado pelo bispo de quem fizemos menção acima, e seu mesmo filho Josafá foi seu padrinho e pai espiritual do que o havia engendrado segundo a carne. Ficou Abenner tão outro do que costumava que renunciou todo o seu reino a seu filho e se vestiu de cilício e cinza para fazer penitência de seus pecados, temendo que, por serem tantos e tão graves, não havia de alcançar perdão deles do Senhor; mas o santo Josafá o consolou e alentou, dando-lhe a entender quão grande injúria faz a Deus o que desconfia de sua bondade e misericórdia (que é a coisa de que mais ele se precia) e que todos os pecados do mundo cotejados com ela não são mais que uma gota de água a respeito do mar. Nesta vida e penitência viveu o rei Abenner quatro anos e ao cabo deles lhe deu uma mortal enfermidade; e, estando próximo à

morte, abençoando a seu filho e beijando-o muitas vezes e fazendo-lhe graças pelo que havia trabalhado por ele e louvando o Senhor por havê-lo olhado com tão piedosos olhos e tirado-o do profundo abismo da morte em que estava e trazido-o a seu conhecimento e encomendando seu espírito ao que o havia criado, acabou o curso de sua peregrinação. O rei Josafá mandou vestir o corpo de seu pai, não com roupas reais e ricas, mas com hábito de penitência, e desta maneira o enterraram com grande solenidade, derramando o filho muitas lágrimas diante do sepulcro do pai, do qual, sem comer nem beber nem dormir, não se apartou por espaço de sete dias, suplicando instantemente ao Senhor que perdoasse a seu pai e o admitisse nas moradas eternas. E, tendo cumprido com este piedoso ofício, voltou a seu palácio e mandou tomar todos os tesouros seus e de seu pai e repartí-los aos pobres; o que se fez tão largamente que apenas ficou pobre no reino.

Passados quarenta dias da morte de seu pai, quis Josafá cumprir com seu desejo e o que a Deus havia prometido. Para isto mandou juntar os grandes, senhores, cavaleiros e muitos cidadãos de seu reino; e, estando sentado em seu trono real com aspecto grave e brando, lhes falou desta maneira: «Já vedes como meu pai o rei Abenner é morto, como morre qualquer pobre homem, sem o haverem podido livrar da morte as grandes riquezas que tinha, nem a glória e nome de rei, nem a multidão de vassalos e criados, nem os exércitos poderosos, nem eu, que sou seu filho e tanto desejava sua vida. Foi a um tribunal onde lhe pedirão conta do que fez nesta vida, sem levar consigo criado, parente nem amigo que o possa ajudar. Faço-vos saber que eu sempre desejei eximir-me desta carga que tenho de rei, de lançá-la sobre outros ombros e retirar-me a alguma solidão para cumprir o que a Deus tenho oferecido. Até agora deixei de fazê-lo por obedecer ao rei meu senhor e por parecer-me que Deus se queria servir de mim para mostrar-vos o caminho do céu e tirar-vos das horríveis trevas da idolatria em que estáveis. Já cumpri com a vontade de meu pai e vós com a graça do Rei soberano abristes os olhos e o conhecestes por vosso Deus, Redentor e Senhor de tudo o criado: vede a quem quereis que deixe o cetro e a coroa.» Ouvindo isto, alçaram a uma todos uma voz lastimosa e alarido doloroso ao céu com incríveis gemidos e lágrimas, dizendo que de nenhuma maneira o consentiriam e jurando que não o deixariam partir, porque ele era seu rei, seu senhor, seu pai e sua mãe e todo o seu bem; pois por ele Deus os havia livrado daquele profundo abismo e cegueira em que estavam e aberto-lhes as portas do céu e alumiado-os com o raio de sua verdade. Viu Josafá os ânimos de todos tão alterados que teve por bem demonstrar que queria consentir com eles; e com isto os sossegou e os enviou mais consolados a suas casas. Depois, retirado a seu aposento, chamou Baraquias, homem de grande estofa, muito zeloso de nossa santa Religião, e o que juntamente com Nacor (que fingia Barlaão) se pôs a defendê-la contra os filósofos e caldeus gentios, como dissemos. Falou Josafá a Baraquias e declarou-lhe seu intento e rogou-lhe que tomasse sobre si o peso do reino, porque ele o queria deixar. Baraquias não veio nisso, antes o repugnou e contradisse, repreendendo-o de pouca caridade; porque, se o ser rei (disse) é bom, por que tu não o queres ser? E, se é mau, por que queres que eu o seja? Não quis porfiar Josafá com Baraquias; mas aquela noite escreveu uma carta cheia de celestial sabedoria aos magistrados e nobreza de seu reino, em que os exortava a perseverar na religião cristã e no amor e temor santo do Senhor e fazer-lhe continuamente graças pelas mercês que dele haviam recebido; e juntamente lhes dizia que não fizessem rei a outro algum senão a Baraquias, porque ele era o que lhes convinha: e, deixando esta carta em seu aposento, partiu logo secretamente e se pôs a caminho para o deserto. Mas logo que de manhã se soube, tomaram-lhe todos os passos e o buscaram e o acharam junto a um arroio fazendo oração, à hora do meio-dia. Voltaram-no à cidade; e ele se resolveu a não ficar nela nem um só dia e

persuadiu a gente a que tomassem por rei a Baraquias e ele o declarou e nomeou por tal e lhe deu os documentos que lhe pareceram necessários para o bom governo do reino. Entre outros lhe avisou que, assim como na navegação qualquer falta que faça o passageiro é de pouca importância e grave e perigosa a que faz o que leva o leme, assim no governo da república, quando peca um particular, somente faz dano a sua pessoa, mas, quando o rei e governador peca, é prejudicial a toda a república. Depois, posto de joelhos e levantadas as mãos ao céu, orou e encomendou ao Senhor todo o seu reino e, abraçando os senhores e pessoas principais dele e sobretudo a Baraquias (a quem deixava em seu lugar), despediu-se de todos com tão estranho sentimento, soluços, gemidos e lágrimas que não se pode encarecer: só ele estava sereno e alegre e como homem que de um longo e penoso desterro volta à sua doce e desejada pátria. Saiu vestido com seu vestido ordinário e debaixo dele um cilício que lhe havia dado seu bom mestre Barlaão, a quem ele ia buscar. A noite seguinte daquele primeiro dia, entrando em casa de um pobre homem, despiu-se de sua roupa e lha deu e ficou coberto com só aquele cilício, parecendo-lhe que estava mais rico e adornado com ele que com o cetro e púrpura de rei. Começou a caminhar por aqueles desertos e a comer das ervas que achava pelos campos, que por serem estéreis e sem água eram silvestres; e, como uma vez houvesse andado até o meio-dia, abrasado do sol e fatigado da sede, desejou um pouco de água para refrescar-se e não a achou. Com esta ocasião Satanás o tentou terrivelmente, pondo-lhe diante a grandeza do estado que havia deixado e a multidão de criados que o serviam, os regalos e deleites que tinha, a aspereza de vida que empreendia e as poucas forças de seu corpo para levá-la; e finalmente que as almas de todos os vassalos de seu reino estavam penduradas dele e por sua culpa pereceriam. E, como estes golpes não fizessem mossa no peito forte de Josafá, pretendeu espantá-lo com várias tentações visíveis; porque já se punha diante em figura de homem com uma espada nua, ameaçando-o que o mataria se não voltasse atrás, já em forma de bestas feras, de leões, tigres, dragões e basiliscos que o queriam tragar; mas o Senhor, que guiava a Josafá, o esforçava para que não fizesse caso daqueles terrores de Satanás e para que com o sinal da cruz afugentasse todos aqueles monstros infernais. Trabalhou muitos dias com esta nudez e pobreza até chegar ao deserto de Senaar em busca de seu querido mestre: deu-lhe notícia dele outro solitário e o guiou à cova onde estava, à qual chegou Josafá muito gozoso e chamou pedindo-lhe bênção. Saiu Barlaão; e, ainda que Josafá vinha muito trocado do que estava antes, por inspiração de Deus o conheceu e os dois se abraçaram com amor ternísimo e fizeram oração e deram graças a Deus porque se viam juntos naquele deserto. Deu conta um ao outro do que por si havia passado depois que não se haviam visto; e Barlaão, entendendo as grandes batalhas e contrastes que Josafá havia tido e as vitórias que havia alcançado de sua carne, mundo e demônio e o ditoso estado em que deixava as coisas da cristandade, louvou Josafá pela troca tão cordata e acertada que havia feito e por haver comprado a preciosa margarida do reino eterno com o menosprezo do temporal da terra, glorificando o Senhor, que lhe havia dado tão grande espírito e tão próspero sucesso a negócio tão árduo e dificultoso. Depois, para regalar a Josafá, que vinha fatigado do caminho, aparelhou-lhe um convite esplêndido de umas ervas cruas silvestres e de algumas tâmaras; e, tendo comido os dois, beberam um pouco de água da fonte que estava ali perto.

Esteve Josafá com Barlaão alguns anos, vivendo mais como anjo na terra que como homem em corpo mortal; de sorte que o mesmo Barlaão, que era velho e soldado veterano e desde moço exercitado naquela dura milícia, maravilhava-se do fervor de Josafá. Não comia mais do que precisamente era mister para sustentar a vida: velava tanto as noites como se não fosse de carne:

sua oração era perpétua e não perdia um ponto de tempo nem estava ocioso, mas ocupado sempre e atento na contemplação do sumo Bem. Chegou o tempo em que o Senhor queria levar desta vida trabalhosa a Barlaão: avisou disso seu querido filho e discípulo Josafá, animando-o a levar adiante sua gloriosa empresa e aconselhando-lhe que cada dia pensasse que aquele era o derradeiro de sua vida e princípio e fim da observância religiosa; porque, aguardando a morte, não a temeria nem lhe pareceria longo o tempo nem se cansaria com o trabalho da aspereza e penitência. Deu-lhe outros documentos e espirituais conselhos e, tendo dito missa e comungado a Josafá, despedindo-se dele amorosamente e lançando-lhe sua bênção (a qual ele recebeu derramando muitas lágrimas), fez sobre si o sinal da cruz e estendeu os pés e com incrível paz e alegria de sua alma a deu a quem a havia criado para glória sua, sendo de quase cem anos e tendo vivido os setenta e cinco naquela solidão e cheio não menos de merecimentos que de anos. Tomou Josafá o corpo de seu bem-aventurado pai com suma reverência: abraçou-o e lavou-o com lágrimas e, envolvido naquele cilício que dele havia recebido em seu palácio, o enterrou, cantando os salmos costumados da Igreja todo aquele dia e a noite seguinte: depois fez oração a Nosso Senhor, suplicando-lhe que não o desamparasse por orações de seu servo Barlaão, mas que o assistisse, guiasse e encaminhasse até chegar ao porto de salvação e tranquilidade. Acabada sua oração, ficou Josafá adormecido e em sonhos teve uma revelação em que viu Barlaão no céu, vestido de glória e claridade admirável, e a coroa que a ele lhe estava guardada, perseverando até o fim; e com esta visão ficou muito gozoso e confirmado em seu santo propósito. Vinte e cinco anos tinha Josafá quando veio a ele com uma vida do céu e tão perfeita como se não fosse de carne. A Cristo tinha sempre presente, a Cristo sempre buscava e sempre parecia que o tinha diante dos olhos e que, tendo-o a ele, tinha (como é verdade) todas as coisas; e não se contentava com servi-lo com tão grande fervor como se disse, mas cada dia procurava avantajar-se mais e crescer de virtude em virtude. E, tendo perseverado todo este tempo nesta maneira de vida que aqui fica referida, crucificado o mundo a ele e ele ao mundo, deixando o corpo no solo, voou seu espírito ao Senhor; e aquele monge que o havia guiado à cova de Barlaão, avisado do céu, achou-se a sua morte e tomou seu corpo e com hinos e cânticos eclesiásticos e grande devoção e ternura o enterrou no sepulcro de seu pai Barlaão e partiu logo para a Índia, por outra revelação que teve, e deu conta ao rei Baraquias de tudo o que havia sucedido a Josafá e de sua vida e morte no deserto. O rei Baraquias, em sabendo-o, pôs-se a caminho acompanhado de inumerável multidão de gente de seu reino e chegou até a espelunca onde os dois santos Barlaão e Josafá estavam sepultados e viu que os corpos dos dois estavam inteiros e os vestidos com que estavam cobertos como se os acabassem de enterrar e que despediam um odor suavíssimo e uma fragrância mais do céu que da terra. Mandou pôr os sagrados corpos em caixas ricas e adornadas e levou-os à Índia e colocou-os magnífica e regiamente naquela igreja que Josafá havia edificado, obrando Deus muitos e grandes milagres por eles; e dando saúde por sua intercessão aos enfermos e fazendo outras maravilhas e grandes mercês aos que vinham a seu sepulcro ou se encomendavam a eles.

Esta é a suma da vida destes dois santos confessores Barlaão e Josafá, tirada da que escreveu num livro grande São João Damasceno, autor santíssimo e doutíssimo, e que há mais de oitocentos e cinquenta anos que floresceu; e diz ao fim da vida que a escreve como a havia sabido de varões insignes e dignos de toda fé. Por onde se vê que esta não é fábula nem invenção artificiosa, mas verdadeira história confirmada com a autoridade de tão assinalado varão, como o notou muito bem Jacobo Bílio no prefácio que faz a esta vida e se acha nas obras de São João Damasceno, que o

mesmo Bílio elegantemente traduziu do grego em latim; e o cardeal Barônio sente o mesmo nas Anotações do Martirológio Romano, que faz menção dos santos Barlaão e Josafá aos 27 de novembro. (Ribadeneira.)

Santo Ansúrio, Bispo

Santo Ansúrio não foi bispo titular de Auca como creu Yepes, mas prelado da igreja de Orense, do qual não se acha memória até o ano 915. Este foi um dos bispos com quem o rei D. Ordonho II no dito ano tratou a restauração das dioceses de Tui e Lamego e a dotação que fez a Santiago. Quatro anos depois faz-se menção do mesmo bispo no privilégio que Ordonho e sua mulher D.ª Elvira deram ao mosteiro de São Pedro e São Paulo fundado na Galiza, no território de Triacastela, junto ao monte Cebreiro ou Sciro, e restaurado por Gatão, avô destes Reis. Três anos depois, no de 922, perseverava a memória deste bispo num privilégio de Samos.

Floresceu Ansúrio quando São Rosendo começava a sobressair no caminho da perfeição evangélica. Fosse por amizade com São Rosendo, ou mais bem por veneração de sua virtude e por ajudar seu bom propósito, deu-lhe Ansúrio a igreja de Santa Maria de Bonata em Armenta, que Argaiz diz estar na Limia, o que conta o mesmo São Rosendo na escritura primeira que publicou Yepes no tomo 3.º. Em seu tempo também, isto é, no ano sétimo do rei D. Ordonho II, fundou-se o exemplaríssimo mosteiro de Santo Estêvão de Ribas de Sil, ao qual se retirou nosso Santo a viver vida monacal depois de haver deixado sua sé. O tempo que viveu neste retiro não se sabe, senão que foi quando muito desde o ano 922, em que ainda governava sua igreja, até 26 de janeiro do ano 925, em que o chamou Deus para si.

Este santo Bispo com outros oito foi enterrado no claustro daquele mosteiro, obrando Deus por sua intercessão milagres sem número, como dizia o rei D. Afonso IX de Leão, pai do rei D. Fernando o Santo, pelos anos 1220, no privilégio em que concedeu a este mosteiro tudo o que em seus coutos lhe pertencia. Destes nove bispos só Ansúrio tinha epitáfio, onde se assinalava o dia e ano de sua morte; dos demais nada consta senão seus nomes. Chamavam-se assim: Bimarásio, bispo de Orense; Gonçalo Osório e Froalengo, ambos bispos de Coimbra; Servando, Viliulfo e Pelágio, todos três bispos de Iria; Afonso, bispo de Astorga e de Orense; Pedro, bispo sem título. O epitáfio de Ansúrio diz Morales que cem anos antes se havia copiado fielmente. Estava com o mau latim daqueles tempos. Em substância vinha a dizer isto: «Esta cova de pedra que aqui vês cobre a trabazão sagrada dos ossos do bispo Ansúrio, varão em todas as suas coisas muito esclarecido. Foi puro na doutrina, viveu dando muito bom exemplo. Nenhuma dúvida teve da vida do céu; porque assim o publicou e o mostrou formosamente no que cristãmente confessava. Renunciando sua prelazia, retirou-se a viver com os monges sob sua regra e, sujeitando-se ali em tudo ao serviço do Senhor, chamado por sua voz o seguiu e descansou em paz; porque num ponto foi despojado do sagrado corpo a 26 de janeiro do ano 925.» No ano 1463, o administrador da abadia de Santo Estêvão, D. Afonso Pernas, com zelo de que não chegasse a perder-se a memória destes santos Bispos, colocou suas relíquias sobre o retábulo-mor. No ano 1594 o abade Fr. Vítor de Nájera os colocou cada um em sua arca, cinco a um lado do altar-mor e quatro ao outro. Molina se queixa de

um reformador que desfez estes sepulcros e, juntando todas as relíquias dos nove bispos numa arca, as pôs detrás do altar-mor, onde diz estavam quando ele escrevia. Na santidade de Santo Ansúrio convêm todos os nossos historiadores. Seu culto consta estar já estabelecido a princípios do século XIII. (M. Flórez, t. 17, pág. 65.)

Santo Bimarásio, Bispo

Este santo bispo é um dos que foram depositados no mosteiro de Santo Estêvão de Ribas de Sil, como fica dito na vida de Santo Ansúrio, de quem o fazem sucessor Gil González e Argaiz. Outros fixam seu pontificado nos tempos de D. Afonso o Católico, dizendo que, à semelhança de Santo Ansúrio, se retirou ao mosteiro de Santo Estêvão e morreu nele. Isto último não pôde ser, pois nem no século VIII em que devera haver sucedido isto, nem ainda no IX havia tal mosteiro. Suposta a autenticidade da memória que ali fica deste santo Bispo, conjectura Flórez que pôde ser prelado de Orense no que vai do ano 925, em que faleceu Santo Ansúrio, até o 942, em que era já bispo daquela igreja Diogo I. Na escritura trinta do Tombo de Lugo do ano 1012 há memória de Bimarano, que então era bispo de Orense. Sendo certo isto, de que duvida Flórez com bastante razão, pôde muito bem haver-se confundido este nome com o de Bimarásio. Na existência do santo Bispo, que, como disse, é um dos nove que se veneram em Ribas de Sil, não cabe dúvida. (M. Flórez, t. 17, pág. 72.)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Máximo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Maximi, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que na venerável solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice São Máximo aumenteis em nós o espírito de fervor e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do apóstolo São Paulo aos Romanos.

Romanos 8,28-30

> **Latim:** 28 Scimus autem quoniam diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum, iis qui secundum propositum vocati sunt sancti. 29 Nam quos præscivit, et prædestinavit conformes fieri imaginis Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus. 30 Quos autem prædestinavit, hos et vocavit : et quos vocavit, hos et justificavit : quos autem justificavit, illos et glorificavit.

Português: 28 Ora nós sabemos que aos que amão a Deos, todas as cousas lhes contribuem para seu bem, áquelles que segundo o seu decreto são chamados santos. 29 Porque os que elle conheceo na sua presciencia, tambem os predestinou para serem conformes á imagem de seu Filho, para que elle seja o primogenito entre muitos irmãos. 30 E aos que predestinou, a estes tambem chamou: e aos que chamou, a estes tambem justificou : e aos que justificou, tambem os glorificou.

Reflexões

Aos que amam a Deus, tudo se lhes converte em bem. Não diz São Paulo que nunca sucedem contratempos aos que amam a Deus: sabia muito bem a quantos estão sujeitos enquanto vivem neste miserável mundo; só diz que pelo amor que têm a Deus saberão converter todas as coisas em maior proveito seu. A adversidade os humilha, mas não os abate: desvia-os das criaturas para aproximá-los de Deus. As honras e os aplausos lhes lembram, não o que são, mas o que deviam ser: os desprezos e as humilhações o que são efetivamente. Até suas mesmas faltas lhes servem para excitar o fervor e despertar a vigilância. É a concupiscência como aqueles peçonhentos insetos que convertem em veneno o delicioso suco das mais formosas flores: ao contrário, o amor de Deus é como a oficiosa abelha que converte em doce mel o suco mais amargo. Todos são chamados a ser santos, e todos o somos desde que começamos a amar a Deus sem exceção e sem reserva. O amor de Deus é a um mesmo tempo princípio e complemento da santidade. Todos somos chamados a ser santos, nem mais nem menos como todos foram convidados à mesa daquele pai de família, mas todos se escusaram com diferentes pretextos. Aqueles que previu Deus chegariam à santidade a que os chamava, porque se aproveitariam de suas graças, destinou-os para ser semelhantes a seu Filho, participando de suas dores na terra e de sua glória no céu. Poderão estes queixar-se de que trate a seus filhos adotivos como tratou a seu Filho natural? Se para ser conformes a Jesus Cristo, se para levar a libré de escolhidos seus fossem necessárias as honras e as riquezas, então sim que poderiam parecer justas nossas queixas. Mas, não sendo mister mais que padecer e sofrer com a devida resignação, que homem há, desde o príncipe até o mais humilde pastorzinho, que não o possa fazer com o auxílio da divina graça? Não há coisa mais comum nem mais ordinária ao homem que os trabalhos. É a vida um agregado de adversidades, sem que haja estado nem condição que se exima delas. Só resta conhecer quanto valem e resolver-se a não malográ-las. Chama Deus os homens por sua graça e justifica por sua

misericórdia os que correspondem a sua vocação. Glorifica, enfim, os que justificou e perseveram na justiça. Isto é tudo o que nos importa saber no mistério da predestinação. Todos somos chamados para salvar-nos: não podemos perecer senão por culpa nossa e porque não queremos corresponder à graça que nos chama. Não há predestinado que não deva sua ventura à graça de Jesus Cristo, a sua misericórdia e a seus méritos infinitos. Não há condenado que não conheça, que não confesse por toda a eternidade que ele mesmo foi o artífice de sua desventura e de sua reprovação.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 4).

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu

senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Como se pensa à hora da morte dos meios que se tiveram em vida para salvar-se

Primeiro ponto

Considera que seria menos desconsolo não haver-se salvado alguém se não houvesse podido salvar-se. Mas quando pense, e especialmente quando o pense na hora da morte; isto é, naquele tempo em que, amortecidos os sentidos, não dissipam já a alma com cem objetos que a distraem; naquele profundo silêncio de todas as coisas, em que as paixões, tão moribundas como nós, já não estão para tumultuar nem para amotinar-se; naquele tempo em que desapareceram já todos os bens criados e com sua ausência afogaram para sempre todas as nossas esperanças; em que, desvanecidos os gostos, os passatempos e os deleites, só deixaram na alma cruéis remorsos; quando, desembaraçada a imaginação de todas as falsas preocupações, voltou a entrar em seus direitos; quando a Religião e a Fé, restituídas a seu vigor porque cessou o motim do espírito e do coração, se descubram à alma com toda a sua claridade; quando se pense então nos abundantes meios que durante o tempo da vida teve cada um para salvar-se, para ser santo, e que não nos deu na veneta de aproveitar-nos deles; quando se pense que já está para expirar o tempo e que se vai entrar naquela espantosa eternidade, que espanto, bom Deus, que dor, que desespero por não haver empregado todo o tempo que se viveu no único negócio que nos importava neste mundo! Na morte se pensa muito devagar; discorre-se sem sofismas; reflete-se com solidez. Mas desconsolados pensamentos, mas cruéis discursos, mas desesperadas reflexões! A memória daqueles auxílios saudáveis que se desprezaram; a vista daqueles meios eficazes de que não nos quisemos aproveitar; a graça de haver nascido de pais cristãos, de haver-nos educado no grêmio da santa Igreja; a facilidade de recorrer ao sacramento da Penitência e ao adorável da Eucaristia, fontes de graça e de todas as bênçãos: todos estes bens comuns se olham muito superficialmente na vida; o benefício da criação, o mistério da redenção, a facilidade da santificação, tudo isto move pouco, porque se pensa nele muito ligeiramente; mas na hora da morte se conhece seu mérito e seu valor. E como se olhará então a negligência e o desprezo com que se trataram estes meios? Ah, Senhor, e depois destas reflexões esperarei eu aquela hora para conhecer o que merecem e o que valem todas estas graças!

Segundo ponto

Considera que não só pungirão a consciência na hora da morte os meios gerais e comuns que se tiveram e não se aproveitaram: também a penetrarão com muito maior impressão os meios particulares; todos aqueles auxílios, todas aquelas graças pessoais que Deus nos concedeu por um amoroso efeito de sua misericórdia para que fôssemos santos; a educação vantajosa, um natural bem inclinado, os bons exemplos, os conselhos saudáveis, máximas cristãs, vocação ao estado em que tudo contribuía a nossa salvação; fortes inspirações, leitura de livros espirituais, enérgicos e eficazes. Até os vários acidentes da vida, reveses de fortuna, infidelidade nos amigos, adversidades, enfermidades: tudo o ordenava a divina Providência para fazer-nos santos; de todos estes secretos artifícios se valia a Graça para nossa salvação. Que malignidade, que imprudência, que irracionalidade o haver feito inúteis todos estes meios por sua própria malícia! Pensou-se alguma vez nisto; lograram-se alguns bons momentos; fizeram-se admiráveis propósitos; houve tais e quais intervalos de devoção; formaram-se excelentes resoluções; mas de tudo isto que fruto se tirou? Considera que dor, que despeito contra ti mesmo por haver sido tão covarde, tão inconstante, tão infiel! Bom Deus, que efeito tão terrível fazem estas reflexões num pobre moribundo que não se aproveitou de algum de tantos auxílios! Pensar-se-á naquela hora em todas as lições espirituais que se tiveram e muito particularmente nesta mesma. «Na vida do Santo que lia todos os dias achava uma instrução muito importante e um exemplo muito oportuno para mover-me e para converter-me. Não havia Santo nem Santa cujas vidas lia que não me repreendessem mutuamente minha covardia, minha tibieza, meus pecados e minha insensibilidade: nenhum que não me servisse de um poderoso estímulo para converter-me e para imitá-lo. Nas reflexões, nenhuma que não falasse comigo; e nas meditações, nenhuma que não fosse muito própria para fazer-me mudar de vida. Dos propósitos, que fruto não pude tirar? Nem um só havia que não pudesse pôr em execução. Mas não estive desse humor, não me deu na veneta de aproveitar-me de tantos meios. Eu morro, e morro com uma espantosa incerteza de minha salvação, com um funesto pressentimento de minha condenação eterna.»

Ah meu Deus e meu Salvador, tende misericórdia de minha alma! Não acabo de ver nisto mesmo meu retrato? Não serei eu algum dia este desditoso moribundo? Esta meditação que estou fazendo, não será porventura, ou por desgraça minha, uma das peças que entrem em meu processo? Não porá o selo a minha reprovação? Ah, que sim o será! Tudo isto produzirá, se não me converto desde este mesmo ponto. Resolvido estou a fazê-lo; e Vós, Senhor, fazei este milagre. Assim vo-lo peço pela intercessão de vossa divina Mãe: não permitais, meu Deus, que eu me condene.

Jaculatórias

Deus meu, interessa-se vossa mesma glória em que eu não malogre tantos meios para salvar-me: por isso mesmo que são tantos e tão enormes meus pecados, são mais próprios para que resplandeça mais vossa bondade e vossa misericórdia. (Sl 24.)

Até quando, Senhor, gritarei, e Vós não me ouvireis? Até quando levantarei minha voz a Vós nos justos temores que me sobressaltam, e Vós não me salvareis? (Hab 1.)

Propósitos

1. O que não contribuiu para as desgraças que lhe sucedem encontra razões para consolar-se, pelo menos na Religião, recorrendo à paciência; mas, quando nos sucedem os infortúnios por nossa pura irracionalidade; quando não nos quisemos valer dos meios fáceis e seguros que tivemos para evitá-los; quando desprezamos os saudáveis conselhos que se nos davam para preveni-los; quando alguém se expõe voluntariamente aos perigos, será digno de compaixão se se perde? Nunca farás reflexões mais importantes nem que mais te interessem que estas: põe-nas em execução. Nenhum se condenou que não fosse por sua culpa: nunca te esqueças desta verdade. Aproveitas-te dos meios e dos auxílios que tens para ser santo? Cumpres com as obrigações de cristão, de religioso e de servo fiel? Que fruto tiras da oração, da frequência de Sacramentos, dos exercícios espirituais, do santo sacrifício da missa? Que fruto da leitura espiritual, dos avisos que te dão, das secretas inspirações e de tão bons exemplos?

2. Este *Ano Cristão*, estes exercícios devotos para todos os dias são um meio muito particular que Deus te proporcionou para que fizesses uma vida verdadeiramente cristã. Que dor, que despeito na hora da morte, se a vida do Santo que leste cada dia, se as reflexões sobre a epístola, se a meditação, se as jaculatórias e, enfim, se os propósitos tão oportunos para mover-te a uma inocente e santa vida foram todos sem proveito para ti! Se te contentaste com lê-lo sem praticá-lo, que desespero naquela hora de haver tido na mão um meio tão eficaz para ser santo sem haver-te aproveitado dele! Se neste livro se ensinasse a arte de fazer-se alguém rico, haveria ao menos um que desprezasse seus preceitos? Ensina a arte de fazer-nos santos, e não se faz caso deles! Ninguém lerá isto que não se lembre disto na hora da morte. Pois evita desde logo a mortal dor que então terás se não te aproveitas disto com tempo.

[^1]: Conforme as atas que se conservam nas igrejas de Toledo e Leão e no mosteiro de Cardeña, publicadas pelo P. M. Risco, tom. 54, pág. 590 e seguintes.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:12 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:12 by Admin